

FIESP espera a reativação seletiva

por José Casado
de São Paulo

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) está apostando no relançamento da economia ainda neste terceiro trimestre do ano, conforme disse ontem, a este jornal, Cláudio Bardella, vice-presidente e diretor do Departamento de Economia da FIESP. Segundo ele, o ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, já ofereceu à entidade sinais de sua disposição para promover uma "reativação seletiva" da economia industrial.

"Não há alternativa", diz Bardella, "pois a indústria está parando, e o País também está parando. Pela primeira vez, em nossa história econômica recente, enfrentamos o risco de fechar o ano com um crescimento do Produto Interno Bruto muito próximo ou mesmo abaixo de zero. A verdade é que os controles monetários mostraram-se até mais eficientes do que ele (Delfim Netto) previa, e isso lhe deu uma folga na administração do orçamento monetário, que, agora, permite um grau maior de liberalização, mantendo-se ainda os controles e as metas."

Hoje, no eixo São Paulo—Brasília, tal possibilidade de "liberalização" estará na mesa dos empresários. Na Secretaria do Planejamento do Presidente da República, o ministro Delfim Netto recebe, à tarde, 22 presidentes de federações



Cláudio Bardella

da indústria e do comércio. Quase à mesma hora, em São Paulo, empresários e economistas membros do Conselho Superior de Economia da FIESP estarão debatendo as propostas e alternativas que os industriais paulistas devem apresentar ao ministro durante sua visita à sede da FIESP, marcada para a próxima semana, logo após a definição do orçamento monetário para 1982.

A SELETIVIDADE

Bardella entende que Delfim Netto dispõe de uma razoável margem de manobra, neste momento. Explica: "Ele não precisa alterar a meta de 70% para expansão do crédito global, porque no primeiro semestre só permitiu que fosse cumprido 15% desse limite. Por outro lado, os orçamentos das empresas estatais,

aprovados com base numa projeção de inflação de 62% (sic) já estouraram em julho".

"Então, ele pode mexer um pouco no nível de investimentos das estatais, desde que não comprometa a balança comercial, já sob controle, e salde os débitos em atraso com a indústria e os bancos. Os orçamentos podem ser revistos no sentido dos investimentos em infraestrutura que, além de influírem no nível de emprego industrial, tendem a contribuir para geração de renda. É evidente que isso vai refletir-se no nível de demanda de bens de consumo, reativando as máquinas de um segmento importante da indústria — por sinal independente de importações", acrescenta.

"A disposição do Planejamento", esclarece Bardella, "indica uma reativação seletiva do setor industrial. Não se pretende, e o Delfim já deixou isso muito claro,

mexer no setor de bens duráveis."

O CETICISMO

Mas, na diretoria da FIESP há empresários, como José Ephim Mindlin, que adotam uma postura de ceticismo em relação à possibilidade de uma "liberalização" dos controles monetários sobre o setor industrial: "A coisa ainda está muito nebulosa, tanto no plano político quanto no econômico, e não dá para falar muito. Agora, eu não acredito em reativação da economia, principalmente neste momento em que o Delfim Netto ficou mais forte no governo", diz Mindlin.

Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), também prefere aguardar sinais mais concretos, como disse ontem, no Rio, à Agência Globo. Não deixa, porém, de mencionar que "existe uma esperança" entre os empresários quanto a um "abrandamento da es-

Produto Interno Bruto (Projeção FIESP)			
Sector	Participação na formação do PIB	Taxa de crescimento no exercício 1981	Contribuição no PIB/1981
Agricultura	10%	8%	+ 0,8%
Indústria	38%	- 8%	- 3,0%
Serviços	52%	5%	+ 2,6%
Total			+ 0,4%
Fonte: Decon/FIESP			

tratégia de desaceleração da economia".

Bardella é dos que se definem "um pouco mais que esperançoso". Na sua opinião, "Delfim Netto precisava de números para se convencer, a esta altura já os tem". O vice-presidente da FIESP conta que, há cerca de um mês, quando um grupo de dirigentes da FIESP foi a Brasília levando indicadores sobre o nível de atividades da indústria paulista, o ministro solicitou uma rechechagem e um

confronto de tais indicadores com os do IBGE, que medem a produção física da indústria, a nível nacional.

"Fizemos as contas com os indicadores do IBGE", diz Bardella, concluindo: "Considerando-se a hipótese de crescimento nulo em 1981, a nível nacional, a taxa de expansão do segundo semestre deveria ser de 4,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. E de 22,6% em relação ao primeiro semestre deste ano. Ora, isso é impraticável".